

Produção de sentidos numa charge contemporânea: uma análise dialógico-discursiva

Production of senses in a contemporary cartoon: a dialogical-discursive analysis

*Wilder Kleber Fernandes de Santana**
Wildersantana92@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

*Silvio Nunes da Silva Júnior***
junnyornunes@hotmail.com
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

*Edlaine Souza de Lima****
souza.edlaine@hotmail.com
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO: Este trabalho discute sobre a palavra como fenômeno discursivo e ideológico nas interações sociais. Para refletirmos sobre esta questão, temos como objetivo geral realizar uma discussão teórico-metodológica da palavra sob perspectiva discursiva, cuja sustentação se firma nos pressupostos de pensadores como Bakhtin (2006, 2008, 2019), Volóchinov (2017), Medviédev (2016) e adjacentes, como Brait (2006, 2013), Faraco (2009) e outros. A metodologia desta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista (MINAYO, 2001; SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009), fundamentada na proposta da pesquisa na linha da Análise Dialógica do Discurso, sustentada pelos postulados do pensamento de Bakhtin e do Círculo. A análise toma como base uma charge contemporânea veiculada na mídia digital por Jota Camelo. Os resultados apontam que, quando levados em consideração os sentidos ideológicos que circundam a produção discursiva, a palavra toma uma amplitude que atravessa fronteiras estruturais e adensam no caráter responsivo da constituição do sujeito da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra. Fenômeno discursivo. Dialogismo. Charge.

* Doutor e mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling – UFPB). Mestre em Teologia (Faculdade Teológica Nacional). Sua linha de pesquisa e publicações está direcionada para as áreas de Linguagem, Discurso, Linguística, Enunciação, Sujeito e Religião.

** Doutor e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Atua como professor auxiliar de Linguística do curso de Letras da Universidade de Pernambuco (UPE/Garanhuns).

*** Mestra em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling – UFPB). Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2007). Atua como professora de Língua Inglesa do Ensino Fundamental II e Ensino Médio nas prefeituras de Mataraca e Capim – PB.

ABSTRACT: This paper discusses the word as a discursive and ideological phenomenon in social interactions. To reflect on this issue, we have as a general objective to carry out a theoretical-methodological discussions of the word under a discursive perspective, whose support is based on the assumptions of the Bakhtin (2006, 2008, 2019), Volóchinov (2017), Medviédev (2016) and adjacent, like Brait (2006, 2013), Faraco (2009) and others. The methodology of this research followed a qualitative approach of interpretative nature (MINAYO, 2001; SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009), based on the research proposal in line with the Dialogic Discourse Analysis, which is supported by the postulates of Bakhtin Circle thinking. The analysis is based on a contemporary cartoon published in digital media by Jota Camelo. The results show that when taken into account the ideological meanings that surround the discursive production, the word takes on an amplitude that crosses structural boundaries and thickens in the responsive character of the constitution of the subject of language.

KEYWORDS: Word. Discursive phenomenon. Dialogism. Cartoon.

Considerações Iniciais

Inicialmente, em averiguação de como a palavra, durante tanto tempo, foi vista pela perspectiva gramatical como objeto morto, pensamos: Como esta pode ser compreendida no prisma dialógico? Para refletirmos sobre esta questão, temos como objetivo geral realizar uma discussão teórico-metodológica da palavra sob perspectiva discursiva, para a qual recorreremos aos pressupostos do Círculo de Bakhtin, a partir de pensadores como Bakhtin (2006, 2008, 2019), Volóchinov (2017, 2019) e Medviédev (2016) e adjacentes, como Brait (2006, 2013), Faraco (2009) e outros.

Segundo Volóchinov, “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140). Ancorados nesse pensamento, entendemos que o estudo da língua não se encontra mais preso às proposições do formalismo, dada a forte crítica de Volóchinov (2017) ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo individualista/idealista¹. Na defesa de uma compreensão de linguagem imbricada no

¹ Santana e Nascimento (2018) justificam que os métodos/modelos de criação e interpretação aristotélicos, tanto na Poética quanto na Retórica, foram e continuam sendo de imensa importância para estudos em linguagem e meios de comunicação humana, inclusive influenciando estudos na pós-modernidade. Citamos as obras para fundamentar nosso posicionamento de que tal tradição, com sua força, imperou durante tanto tempo que acabou ofuscando outras formas de ser/dizer/expressar. Alguns dos paradigmas formalistas aos quais nos referimos consistem nas propostas russas da arte como procedimento, a exemplo da obra *Arte como Procedimento*, de Chklovsky (1917), e tais paradigmas podem ser encontrados de forma mais aprofundadas nos dizeres de Medviédev, em *O método formal nos estudos literários* (2016 [1928]). Nessa mesma obra, Medviédev menciona a

diálogo social e na interação discursiva, este trabalho propõe uma investigação sobre a palavra como fenômeno discursivo, tendo como base a Teoria Dialógica da Linguagem.

Na delimitação dessas arestas, e também como uma postura responsiva de nossa parte, cabe afirmar que estamos inseridos em um *hall* de estudos já existentes sobre a palavra em movimento no âmbito da Língua Portuguesa (BRAIT; PISTORI, 2012; HAMMES-RODRIGUES; ACOSTA PEREIRA, 2019; SILVA-JÚNIOR, 2019; SANTANA, 2019). Eis o estado da arte referente ao nosso objeto científico, o que constitui uma postura de responsabilização por parte dos pesquisadores (SANTANA; SILVEIRA, 2019).

A metodologia desta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista (MINAYO, 2001; SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009), fundamentada na proposta da pesquisa na linha da Análise Dialógica do Discurso, a qual sustenta-se pelos postulados do pensamento de Bakhtin e do Círculo. É nesse contexto que a língua se insere como *organismo vivo*, uma vez que está em constante movimento na cadeia interminável da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2006; VOLÓCHINOV, 2017), ou seja, dinâmica e dialógica.

Em termos de divisão estrutural, há três seções, além das considerações iniciais e finais, que compõem este trabalho: uma intitulada *A palavra e sua realidade social*, em que há uma discussão sobre a palavra e seus princípios de reflexão e refração, e que possui outra realidade para além da física. Na segunda seção é realizada uma discussão teórica que orbita em torno do gênero do discurso charge, e a terceira, *Análise de uma produção discursiva* agrega a análise de uma charge atual, de Jota Camelo.

1 A palavra e sua realidade social

Quando falamos em abordagem dialógica, estamos propondo uma pesquisa norteadada pelo discurso, que considere e protagonize elementos importantes para a

existência da *Sociedade para o Estudo da Língua Poética* (OPOYAZ) grupo que propunha a distinção entre linguagem prática e linguagem poética, ou seja, apoiava o formalismo na linguagem, em terreno russo.

construção dos sentidos em cada enunciado, como a memória, a história, e o sujeito no processo comunicativo. Para Bakhtin, sempre haverá

A confiança na palavra do outro, a aceitação reverente (a palavra autoritária), o aprendizado, as buscas e a obrigação do sentido abissal, a *concordância*, suas eternas fronteiras e matizes (mas não limitações lógicas nem ressalvas meramente objetais), sobreposições do sentido sobre sentido, da voz sobre a voz, intensificação pela fusão (mas não identificação), combinação de muitas vozes (um corredor de vozes), a compreensão que completa, a saída para além dos limites do compreensível, etc. Aqui se encontram posições integrais (o indivíduo não exige uma revelação intensiva, ela pode manifestar-se por em um som único, em uma única palavra), precisamente as vozes (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 327, grifos no original).

A partir do que defende o filósofo, é possível compreender que a palavra gera sentidos plurais, afinal de contas, para Bakhtin (2016, p. 63-64), “Ao falar, sempre levo em consideração o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação”. É preciso, também, compreender que toda palavra é constitutivamente dialógica, e esta “Deve personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas” (BAKHTIN, 2008, p. 209). Conforme o filósofo russo, as palavras, sozinhas, não agregam juízo de valor, pois só ganham sentidos na interação verbal.

Isso significa dizer que um signo ganha sentido no contato com o outro, isto é, as palavras precisam ganhar materialidade em uma situação concreta de comunicação discursiva. Somente assim, dentro de uma determinada situação de interação, as palavras ganharão sentidos. Em mesma linha de pensamento, Volóchinov (2017) afirma que é no processo comunicativo que surge a interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2017), que consiste no diálogo vivo e real entre os interlocutores, nesse caso específico, os estudantes.

Tais considerações nos lançam, enquanto pesquisadores, a observar a riqueza que há na possibilidade de dizer da palavra, de adquirir novos sentidos, de ser e não ser ao mesmo tempo, em diversas instâncias e dimensões do saber. No entanto, é preciso atentar ao fato de que nem sempre a palavra esteve liberta – ela foi durante bastante tempo aprisionada por instâncias disciplinares metamorficamente

formalistas, como a Retórica e a Poética Tradicionais (BAKHTIN, 2015). Cabe salientar que desde a cultura greco-romana há diálogos sobre a questão do comunicar, do expor retórico, e a História do Ocidente nos mostra que Platão foi o primeiro pensador a refletir sobre problemas linguísticos e a língua como um todo (VIEIRA, 2015). Nessas condições, é válido ressaltar que “a gramática como a conhecemos hoje, isto é, um livro contendo as regras de como falar e escrever corretamente a língua materna, teve origem na Espanha de Isabel Castela” (DUTRA, 2003, p. 16-17). Ao partir desse trilhar teórico, o sistema normativo sempre se fez presente nas práticas de perpetuação da linguagem, como formas de monitoramento, respectivamente, representadas pela fala e pela escrita.

Para Medviédev e Bakhtin, a tradição gramatical e a escola formalista atuaram como um mecanismo² de ordem e monitoração linguística, ao refletir um ensino pode ser entendido como um “conjunto de práticas que se solidificaram com o passar do tempo, com regularidade de ocorrência, o que terminou por constituir uma tradição” (MENDONÇA, 2006 *apud* SILVA, 2010, p. 953). Ao contrário dessa visão tradicional que atravessou eras de estudos e vivências do sujeito, somos de acordo com Bakhtin, que afirma que os enunciados que produzimos, nas mais variadas esferas de atividade humana são plenos “de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 297), e desses pontos surgem as valorações na linguagem.

No tocante ao gênero que selecionamos para interpretação, análise e aplicação, a charge, independente do tema abordado, apresenta algumas características que são recorrentes em sua construção: predomínio da sequência

² Em *O método formal nos estudos literários* (2016 [1928]), Medviédev menciona a impossibilidade da existência da ideologia se houver separabilidade entre o processo cultural (meio socioideológico) e o objeto, ou entre sujeitos. Dito de outra forma, o teorismo não produz ideologia, produz apenas abstrações. Assim, “Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete... Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante (2016 [1928], p. 49-50).

narrativa; presença de personagens fixos ou não. De acordo com a demanda da indústria cultural, a linguagem visual é predominante e apresenta formato quadrado. Em muitos casos, o rótulo, o título e a mídia servem de indícios para a leitura.

Sendo assim, é por meio da abordagem dialógica que é construído nosso estudo, buscando produzir um material que protagonize enunciados verbo-visuais em movimentos discursivos, mostrando que estes são capazes de adquirir sentidos plurais a partir das condições em que são inseridos, em um determinado tempo e espaço (BAKHTIN, 2006). Ainda de acordo com o estudioso, “cada palavra exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 2015, p. 69). Inserido nessa linha de investigação, Francelino (2013) compreende que os olhares que lançamos sobre os enunciados nunca são um só, de forma petrificada, mas simbolizam mais de um pensamento, um movimento que não para. Nesse sentido, defendemos que metodologias de análise devem, também, evocar questões histórico-sociais e políticas.

2 Múltiplos sentidos e o Gênero do Discurso Charge

A plurissignificação da palavra (MEDVIÉDEV, 2016; BAKHTIN, 2018) ganha terreno sólido nas discussões empreendidas por Bakhtin em sua *Teoria do Romance*, na medida em que o dialogismo é gestado, na agenda dos integrantes do Círculo, como o princípio constitutivo da linguagem, em sua dimensão concreta, viva, real. Bakhtin (2006 ([1979]) topifica que não há nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (BAKHTIN 2006 ([1979], p. 410); nessas vias de interpretação, “Não há palavras nem sentidos absolutamente mortos: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 410). É possível, assim, perceber marcas de um ativismo da linguagem (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) no manuscrito de *Bakhtin Gêneros do Discurso*, em que classifica os gêneros em primários e secundários, tendo em vista sua complexidade.

Neste ensaio, Bakhtin desenvolve, de forma detalhada, a concepção de dialogismo, ao estabelecer comparações entre o enunciado concreto e a oração, sendo aquele unidade da comunicação discursiva, e esta compreendida como unidade da língua (BAKHTIN, 2006 [1979]). Há, assim, algumas particularidades do

enunciado que o distinguem da oração, tais como a alternância entre os sujeitos falantes e estabilidade relativa do gênero.

É preciso considerar que “as especificidades do enunciado, resguardada heterogeneidade que as constitui, territorializam a dimensão dialógica da linguagem na medida em que assinalam a constituição do sujeito” (SANTANA, 2018, p. 418). Ancoramo-nos, nesse sentido, no pensamento de Brait (2012, p. 371) sobre a necessidade de que haja “o reconhecimento de que, em suas múltiplas filiações, a concepção de gênero implica dimensões teóricas e metodológicas diferenciadas, cujas consequências para a compreensão de textos e discursos não podem ser ignoradas”, ou seja, não podem ser apagadas nem esquecidas.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin registra que “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é velho e novo ao mesmo tempo [...]. O gênero vive do presente mas sempre recorda o seu passado, o seu começo” (2008 [1929], p. 121). Nessa linha de pensamento, “Ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes” (BAKHTIN, 2008 [1929], p. 340). Com isso, nossa ênfase está no fato de que o gênero do discurso, além de ser constitutivamente heterogêneo, não se prende a palavras escritas ou orais, mas sobretudo trabalha com o ativismo da linguagem não-verbal e/ou verbo-visual, haja vista que gênero produz sentidos (BAKHTIN, 2006). Acerca especificamente do gênero charge, cabe considerar que ele

é um tipo de enunciado crítico e opinativo do campo do humor gráfico, veiculado pela mídia impressa e eletrônica, cujo efeito de sentido considera a história, o contexto amplo e o horizonte social imediato; seu registro imagético se configura através do desenho caricatural de personalidades, objetos e cenários, além de outros elementos verbais e não- verbais articulados a temas e personagens em evidência na atualidade e sua realização relativamente estável se dá através da relação dialógica entre chargista – mundo compartilhado registro-leitor (ANDRADE, 2011, p. 149).

Nessa perspectiva, a charge atribui espaço para que seu produtor tenha mais autonomia na construção da sua posição sobre determinada prática social. Por essa razão, Rodrigues, Silva Júnior e Santana (2021, p. 27) inferem que “diferentes veículos impressos e digitais se utilizam das charges como um modo de instituir a preocupação com os problemas sociais de modo que o leitor possa compreender

ativamente as questões que norteiam as suas práticas”. Para os mesmos autores, “A charge [...] é um importante contributo para atividades de ensino, por exemplo, quando os alunos podem apresentar questionamentos a respeito dos elementos que constituem o gênero charge em determinado meio de circulação” (RODRIGUES; SILVA JÚNIOR; SANTANA, 2021, p. 27). Diante disso, Andrade (2011, p. 156-157) entende que

Quanto ao chargista, este enunciador primeiro, ele realiza seu ato como resposta às coisas de um mundo posto, cujo passado está continuamente sendo ressignificado ou interpretado, concomitantemente a um futuro sempre adiante do nariz, que se faz presente *ad infinitum*. Este primeiro-enunciador é já, pois, um segundo que, interpelado pelos atos e discursos do homem em sociedade, dá sua contribuição, refutando, acrescentando, concordando, criticando, apoiando, demonizando, sacralizando, contestando, dentre outras ações, tornando-se, esse mesmo enunciador (chargista) mais um elo na cadeia de enunciados postos em circulação nas mídias (ANDRADE, 2011, p. 153, grifos do autor).

Nessa linha de pensamento, a produção de uma charge envolve elementos linguísticos e discursivos que constroem críticas diversas às práticas sociais como modo de reafirmar o papel dialógico do sujeito em suas diferentes situações de interação discursiva. A fim de tornar concreto o nosso estudo, a seguir, realizamos uma discussão analítica sobre um enunciado contemporâneo, uma charge de Jota Camelo. A charge (Figura 1) se intitula “A massa cheirosa” (2019).

3 Análise de uma produção discursiva

A proposta de refletir sobre qualquer elemento que povoa a linguagem de alguma maneira não se limita a abordagens teóricas, considerando que em qualquer que seja o território social a linguagem vai implicar diálogos que vão além da consciência psíquica. Por essa razão, para identificarmos o caráter ideológico da palavra, recortamos, no meio digital, uma charge contemporânea que provoca algumas reflexões, sempre com conteúdo ideológico, que ajuda a compreender os horizontes tomados pela palavra e pela linguagem numa perspectiva mais ampla.

A charge disposta, intitulada “A massa cheirosa”, foi veiculada, no dia 03 de agosto de 2019, em redes sociais pelo artista Jota Camelo. Exponha-se, a seguir:

Figura 1: A massa cheirosa



Fonte: www.facebook.com/jotacamel0

Inicialmente, vale frisar, com base nos estudos de Authier-Revuz (1990), que a maneira como a linguagem se inscreve em termos de heterogeneidade é marcada nas experiências humanas. Então, recorrendo a Medviédev (2016), em diálogo, principalmente, com Bakhtin (2006), entendemos que está em jogo na produção de Jota Camelo uma questão identitária, em que os sentidos da palavra são adquiridos pela materialidade linguística e são reforçados pelos sujeitos. Importa, sobretudo, verificar os detalhes do enunciado, seus trejeitos, falas, faces, vestimentas. Tudo isso influi na construção de significações, discursos e simbolismos (BAKHTIN, 2018). Sob essa ótica, identificamos uma crítica social fortemente marcada na capa do livro, em amarelo, indicando que a mulher que segura o livro integra uma elite do atraso, o que traz à tona diversas questões como: o poder financeiro acompanhado do enaltecimento do sujeito, a não-implicação da crítica social da vida de sujeitos pertencentes à elite e a necessidade de forjar ideologias próprias.

Dada a representatividade ideológica e do jogo cênico, assim como o simbolismo cultural da psicologia das cores, adentraremos aos sentidos múltiplos de sua diversidade. Na perspectiva de Brusatin (1991, p. 84), “[...] o campo das cores é um território com fronteiras irregulares localizadas em algum lugar entre as ciências e as artes, entre a física e psicologia, uma terra cuja configuração constitui uma fronteira

entre estas duas culturas diversas”. Estende-se ao fundo um plano acinzentado, cor de chumbo, ou grafite, o que indica um terreno indefinido, sem expectativas, um horizonte de inconstâncias.

É possível averiguar os modos de representação da mulher rica e conservadora na sociedade brasileira. Desse modo, percebemos como o sujeito se constrói na e pela linguagem (BAKHTIN, 2006). Na medida em que a charge aparece, tanto no Twitter quanto no Facebook, em uma seção intitulada “Biografia - O atraso da Elite” (JOTA CAMELO, 2019), são identificados alguns efeitos de sentido. Um deles é o atravessamento oriundo de uma produção de um livro com o mesmo nome. Para esse caso específico, é preciso refletir sobre os dizeres “Veja! Que horror! Mais uma biografia minha não autorizada”, em que é perceptível o traço a ironia da falante diante de seu efeito de detenção do poder. Nas palavras de Bakhtin (2006 [1979], p. 289),

a fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas. (...) As fronteiras do enunciado compreendido como uma unidade da comunicação verbal são determinadas pela alternância de sujeitos falantes ou de interlocutores.

Logo, a partir do momento em que compreendemos que as relações dialógicas se materializam na cadeia viva da enunciação, há efetividade da história e da memória sociais. Ao recorrermos às condições de produção do discurso, na Figura 1, entendemos que a obra que uma das mulheres segura, intitulada *A Elite do Atraso*, é uma produção do sociólogo brasileiro Jessé Souza. O que isso então significa socialmente? O autor da charge, ao construí-la, promove a representação de um grupo social economicamente superior, ao qual mulheres conservadoras se filiam e são filiadas, possuindo elementos mais altos da nobreza. Isso deixa claro que o discurso, veiculado em diversas situações de interação social, reflete e refrata outras realidades que se encontram fora dos seus limites (VOLÓCHINOV, 2017). Retornando a Bakhtin (2006 [1979]), o discurso se apresenta considerando a sua não limitação a fronteiras espaciais e, portanto, adensa em diferentes temas e arenas discursivas, trazendo explicações variadas para as problemáticas encontradas.

Todo esse processo se dá dentro de relações dialógicas, as quais não podem ser analisadas a partir de elementos puramente linguísticos. Elas são subjetivas, pois, conforme explicam Brait e Magalhães (2014, p. 14), atribuem espaços para que o sujeito possa “[...] posicionar-se responsivamente [...] no fluxo da cadeia comunicativa discursiva não apenas respondendo, mas também convocando respostas de outrem”. Nesse sentido, o modo pelo qual a primeira enunciativa da charge questiona já indica a não importância dada por ela a um livro, uma vez que, mesmo vendo o livro nas mãos da segunda enunciativa, ainda pergunta qual o motivo da reação negativa. Esses elementos destacam que, ao assumir uma posição elevada de poder social, o sujeito deixa de se importar com o outro quando privilegia a imersão no capital.

Para Volóchinov (2017, p. 229), qualquer corpo físico pode ser representado pela imagem de algo e “essa imagem artístico-simbólica de um objeto físico já é um produto ideológico”. Por conseguinte, “o tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. *O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda sua plenitude concreta. É isso que constitui o tema do enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228, grifos no original)³. Nessas condições, é preciso pensar nos deslizamentos que a palavra causa. *A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato* é uma obra de 2017, que só teve ascensão em 2019 na propulsão do governo liderado por Jair Bolsonaro.

Nesse contexto, é na interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2017) que o signo – a palavra – ganha novos sentidos, a partir do entrecruzamento das diferentes vozes e valorações sociais, ou seja, no uso da língua viva e concreta. Na interpretação de Zandwais (2016), “[...] o modo como a palavra se inscreve em uma ou outra ordem histórico-simbólica e a partir daí se dota de valores, significando diferentemente em cada época, em cada espaço social, em cada modo de produção” (ZANDWAIS, 2016,

³ Em leitura da obra de Volóchinov (2017, p. 93), percebemos que “[...] o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante”. Na ótica do estudioso, os signos refletem e refratam a realidade através dos enunciados. No âmbito de estudos vernáculos, a definição de refração pode ser identificada nas palavras de Faraco (2009, p. 50-51), para quem “[...] ‘refratar’ significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo. [...] Em outras palavras, a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos. Sendo essas experiências múltiplas e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos). A plurivocidade (o caráter multissêmico) é a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas”.

p. 109). Ainda conforme a autora, “Todo signo possui uma função responsiva em relação às formas de “compreensão” da ordem do real. E é essa função responsiva que o torna polissêmico por excelência” (ZANDWAIS, 2016, p. 109). Desse modo, ao refletir e refratar determinadas realidades heterogêneas e multifacetadas, as quais não podem ser apreendidas como um todo, entendemos que toda palavra – signo – é sujeita à avaliação.

Com isso, não há como se unificar os sentidos produzidos por meio de determinada produção discursiva. Por ser dialógica por natureza (BAKHTIN, 2006), a vida vai sempre nos estimular a compreender e responder de novas maneiras.

Considerações finais

Este estudo infere a necessidade de se pensar na palavra para além de limitações estruturais e formais. O conteúdo ideológico pode sempre ser um convite para a produção progressiva de sentidos dos sujeitos da linguagem, dado o seu caráter vivo (VOLÓCHINOV, 2017) e dinâmico (BAKHTIN, 2006). Nesse sentido, no corpo do estudo aqui apresentado foi possível ter em vista os horizontes nunca pré-determinados da Análise Dialógica do Discurso (ADD), considerando que cada sujeito da linguagem pode ter uma posição diferente acerca das questões sociais encontradas em produções discursivas diversas.

Dessa maneira, a charge contemporânea propiciou o desenvolvimento de olhares que não se limitaram à estrutura linguística na qual os enunciados estavam apresentados. As análises adensam no conteúdo ideológico para se pensar na articulação do objeto de estudo com a realidade atualmente vivenciada. Isso provoca a constituição de olhares críticos acerca do que se encontra nos veículos de circulação dos discursos, na defesa de que não existe uma verdade única, mas, sim, diferentes verdades que são construídas na dinâmica viva da língua.

Acreditamos, portanto, que novas análises discursivas, sobre temas variados, podem contribuir com a ampliação de olhares para as práticas sociais de linguagem, frutificando a formação de sujeitos críticos e capazes de compreender discursos e práticas sociais, visto que, em sociedade, não podemos nos deter no que se acha. Chegou a hora, mais do que nunca, de se basear no que realmente existe.

Referências

ANDRADE, A. C. de. *A charge: análise do processo enunciativo-discursivo numa perspectiva dialógica*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez., 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a opacidade e a transparência: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação: Marlene Teixeira. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do russo; tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008 [1929].

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRAIT, B. PISTORI, M. H. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012.

BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S. (Orgs.). *Dialogismo teoria (em) prática*. São Paulo: Terracota Editora, 2014.

BRUSATIN, Manlio. *A History of Colors*. S.l.: Ed. Shambhala, 1991.

DUTRA, R. Gramática normativa: uma perspectiva histórica. In: _____. *O falante gramático: introdução à prática do estudo e ensino do português*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2003. p. 15-28.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo, SP: Parábola. 2009.

GERALDI, J. W. Dialogia: do discursivo à estrutura sintática. In: HAMMES-RODRIGUES, Rosângela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo (Orgs). *Estudos dialógicos – da linguagem e pesquisa em linguística aplicada*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016. p. 179-190.

HAMMES-RODRIGUES, Rosângela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. Apresentação. In: _____ (Orgs). *Estudos dialógicos – da linguagem e pesquisa em linguística aplicada*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016. p. 9-16.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O Método Formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: MENDONÇA, M.; BUNZEN, C. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199-225.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

RODRIGUES, L. L.; SILVA JÚNIOR, S. N.; SANTANA, W. K. F. “É só uma gripezinha!”: olhares dialógico-discursivos sobre uma charge contemporânea. *Humanidades & Inovação*, v. 8, n. 30, p. 23-34, 2021.

SANTANA, W. K. F. Questões de linguagem: os gêneros do discurso em perspectiva dialógica. *Letra Magna - Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura* V. 14, n. 23, 2018, p. 417-432.

SANTANA, W. K. F.; NASCIMENTO, T. O heterodiscurso no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector: questões de linguagem. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3, 2018, p. 290-305.

SANTANA, W. K. F. Dialogismo em foco: variações semântico-axiológicas e sua aplicabilidade. In: _____. *Relações linguísticas e axio(dia)lógicas: sobre linguagem e enunciação*. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 84-93.

SANTANA, W. K. F.; SILVEIRA, E. L. Reflexos e refrações educacionais: do dizer ao fazer (Apresentação). In: _____ (Orgs.) *Educação: ressonâncias teóricas e práticas*. Volume 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 177-190.

VIEIRA, F. E. *Gramáticas brasileiras contemporâneas do português: linhas de continuidade e movimentos de ruptura com o paradigma tradicional de gramatização*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin. A Interação Discursiva. In: _____ (círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem – Problemas fundamentais do método sociológico*

na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 201-226.

VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do discurso literário I: o que é a linguagem/língua? (1930). In: _____. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 234-265.

ZANDWAIS, A. O sistema da língua, o diálogo e o discurso. *Conexão letras*, v. 11, n. 16, 2016. p. 96-107.

Recebido em 23/05/2021

Aceito em 23/09/2022

Publicado em 07/11/2022